

SER MÃE NO CONTEMPORÂNEO: REPRESENTAÇÃO SOCIAL E MELANCOLIA PÓS-PARTO

Carina Da Rocha Rodrigues¹; Naiâne Pereira Volmoco¹; Valeria De Araújo Sampaio¹; Flávio Martins de Souza Mendes²

¹Acadêmica de Psicologia da Faculdade Brasileira Multivix Vitória.

²Psicólogo pela Faculdade Brasileira – Univix e Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo (PPGP/UFES). Docente do curso de Psicologia da Faculdade Brasileira – Multivix Vitória.

RESUMO

A maternidade tem um lugar importante na vida das mulheres, sendo este um período peculiar a cada uma. Entretanto, os valores e crenças, compreendido como representações sociais, interferem a forma como cada mulher passará por esse período. Frente a isso, torna-se crucial compreender estes construtos sociais da mulher-mãe e como eles podem influenciar no padecimento das mulheres durante a maternidade e puerpério. Na qual pode vir a provocar sofrimentos como a melancolia pós-parto, depressão pós-parto e psicose puerperal. Assim, essa pesquisa teve por objetivo investigar o que a produção científica tem descoberto sobre a relação entre a representação social da mulher enquanto mãe e a melancolia pós-parto no puerpério, mapeamento a produção da área nos últimos anos. Para a investigação, utilizou-se do método de pesquisa bibliográfica de cunho exploratória e abordagem qualitativa, e para a análise dos dados utilizou-se da análise de conteúdo. Dentre os estudos analisados, a maternidade aparece vinculada às sintomatologias de depressão pós-parto e/ou ansiedade, bem como surgem relacionadas aos constructos de “ser mãe” e de “maternidade idealizada”. Além disso, emergem questões relacionadas à hierarquização de gêneros e valores patriarcais, assim como questões da infertilidade e da opção por não ser mãe. Este estudo apresentou relevância acerca do conhecimento sobre como as representações sociais perpassam as vivências da maternidade e influenciam a constituição do ser mulher-mãe, identificando-se que o papel da mulher enquanto mãe ideal ainda está impregnada nas práticas sociais.

Palavras-chave: Representações Sociais; Melancolia pós-parto; Maternidade.

INTRODUÇÃO

A maternidade é um momento que redefine o papel da mulher, provocando a emergência de questões referentes a essa vivência frente ao papel social que a mulher-mãe passa a ocupar. Durante a vivência da maternidade, a mulher sofre modificações em seu corpo e em seu psiquismo, que passa por um momento de ajustamento em decorrência da necessidade de adequação ao seu papel social enquanto mãe, bem quanto à preparação para constituir outro ser (FOLINO, 2014).

Através da construção pela qual o amor materno foi passando na história, tende-se a aceitar no senso comum que este sentimento é instintivo, ou seja, faz parte da natureza feminina, independentemente das condições que a cercam. Pensa-se que todas as mulheres são predeterminadas para uma atitude maternal e, ao se tornarem mães, já terão internamente todas as respostas necessárias para possíveis desafios de sua nova condição. Entretanto, o amor materno não é dado, mas sim construído, de modo que não se trata de um pré-requisito feminino, não sendo inerente às mulheres, mas sim, adicional (BADINTER, 1985).

Acreditar no sentimento materno como instintivo, que engloba a concepção de mãe dedicada e a de interação familiar perfeita, acaba por desconsiderar a subjetividade da mesma. Ao

contrário disso, entende-se que a experiência materna não é algo específico do processo de reprodução, não segue parâmetros instintivos, tampouco acontece de forma especificamente alegre ou triste, assim como nem sempre ela acontece. Portanto, a maternidade não se faz puramente de experiências positivas, mas também pode ser mobilizadora de sofrimentos (AGUIAR, 2011).

Durante a maternidade as mulheres estão propícias a se deparar com sentimentos contraditórios, dando margem para um conflito interno entre o sentimento ideal e o sentimento real, esbarrando na sensação de incapacidade (ARRAIS; AZEVEDO, 2006). Neste sentido, os aspectos emocionais que emergem na gravidez, no parto e no período do puerpério merecem atenção, pois se referem a um período de grandes transformações psíquicas, que acometem importante transição existencial da mulher (BRASIL, 2006).

Dentre os eventuais transtornos emocionais que podem emergir na maternidade ou no pós-parto, podem-se destacar a melancolia pós-parto ou *baby blues* – Tristeza Materna, a depressão pós-parto e a psicose puerperal (BERETTA et al., 2008).

A melancolia pós-parto é um estado de humor depressivo mais brando que se inicia alguns dias após o parto e se devidamente elaborada regride espontaneamente. A depressão pós-parto, por sua vez, é um quadro de sintomas mais acentuados, pode haver a necessidade de intervenção medicamentosa, podendo perdurar até dois anos, além disso está correlacionado com alguns fatores de risco antecedentes ao desencadeamento do quadro. Por último, a psicose puerperal é um transtorno psíquico agudo caracterizado pela perda do senso de realidade, requer tratamento medicamentoso e pode haver a necessidade de internação (IACONELLI, 2005). Neste estudo, pela precocidade da manifestação e por haver pouca discussão sobre o assunto, o foco será colocado sobre a melancolia pós-parto.

A melancolia pós-parto é descrita na literatura como uma alteração psicológica e fisiológica, com aparecimento frequente na fase puerperal devido ao fato da mãe encontrar-se num período que abarca um misto de sentimentos, vivenciando instabilidade emocional e hormonal. Além disso, é um período em que a nova mãe tende a se deparar com dificuldades e, principalmente, dúvidas quanto à sua atual condição, essas são mudanças consideradas naturais para o período e vivenciado de forma particular por cada uma (AMORIM, 2010).

Segundo dados do Ministério da Saúde (2006), os sintomas depressivos na melancolia pós-parto afloram após a chegada do filho devido às diversas ansiedades que emergem, em virtude das próprias necessidades da mãe ser postergadas em função do mesmo. Acomete cerca de 50 a 70% das mulheres e em geral aparece após o terceiro dia do período puerperal. É considerada como um estado depressivo, entretanto em um grau mais brando e transitório, tendo como principal característica labilidade emocional, sentimento de incapacidade, alterações de humor, dentre outros sintomas (BRASIL, 2006).

A gravidez abrange um momento significativo na vida da mulher enquanto detentora de um papel social, uma vez que as mudanças corporais, subjetivas e sociais, tem potencial para desabrochar sentimentos, valores e tensões em torno destas transformações. Além disso, há uma necessidade de adaptação às tarefas maternas entendidas como comportamento ideal da mulher-mãe, advindas das representações sociais (MACHADO et al., 2012).

Pensar os aspectos culturais de maternidade a partir das representações sociais abarca os valores de como a mulher deve proceder como mãe, por meio dos discursos que são impostos e reproduzidos pela sociedade. Por meio destes discursos culturais a maternidade passa a

ser associada ao amor e ao cuidado, firmando referências nos valores cunhados como ideais a mulher (BUAES; PATIAS, 2012).

O indivíduo possui a necessidade de compartilhar os saberes culturais do meio no qual está inserido, e as representações sociais são, continuamente, reproduzidas seja nas produções individuais ou grupais do meio cotidiano, moldando-se no senso comum. Assim, as representações sociais constroem discursos sobre a maternidade e a maneira de ser mãe, vinculadas ao ser mulher, forçando a maternidade como parte necessária da construção da identidade feminina e a não realização desse papel à tornará um ser incompleto, sem sentido de vida (STASEVSKAS, 1999).

A experiência de maternidade varia de mulher para mulher, cada uma tende a desenvolver um sentimento próprio para este momento da sua vida, contudo a mesma pode sofrer influências de inúmeras variáveis, a partir da forma como ela percebe, entende e vivencia a maternidade e a gestação, por meio de suas representações a respeito do comportamento social do papel materno (MACHADO et al., 2012).

As representações sociais englobam, portanto, as interpretações da realidade que permeiam as relações entre o sujeito e o meio social, guiando suas ações sociais. Ao considerar a conexão entre a experiência subjetiva e a inserção social, pode-se compreender que as representações sociais das mulheres e a experiência materna consistem numa interpretação coletiva da realidade vivida e falada por esse grupo social. Assim, estudar as representações sociais acerca do papel social de ser mãe significa compreender os processos pelo qual elas moldam sua rede de significação frente à maternidade (COUTINHO; SARAIVA, 2008).

As representações sociais que atuam reforçando a ideia do “amor materno incondicional” e que atribuem à mulher a responsabilidade pela criação dos filhos e dedicação ao lar, ainda nos dias de hoje, encontram-se fortemente arraigados na cultura social. Mesmo com as mudanças socioculturais ocorridas nas últimas décadas, torna-se pertinente observar como tais práticas são produzidas e reforçadas ao longo dos anos pelos agenciamentos sociais (COUTINHO; MENANDRO, 2009).

Com as mudanças e ressignificações a respeito do papel que a mulher ocupa na sociedade, observa-se uma mulher contemporânea que ainda pode estar regida pelas antigas representações sociais que permeiam o papel de ser mãe, acreditando que não sabe cuidar de seus filhos como as mães da geração anterior. Surgem então novos interesses e expectativas, que não mais se limitam à maternidade, e podem vivenciar conflitos como angústias, dúvidas e culpa pela insegurança frente ao novo papel (ARRAIS; AZEVEDO, 2006).

Assim, falar de maternidade é falar de um período de intensas transformações e a cultura de uma sociedade tem grande influência sobre este período, pois a forma na qual a sociedade percebe a maternidade esbarra na concepção de maternagem e do ser mulher-mãe. Frente a isso, pode-se pensar a importância de compreender as representações sociais que atravessam o cotidiano da mulher enquanto mãe.

TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

As Representações Sociais (RS) são formas de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, com objetivos práticos, e concorrem para a construção de uma realidade que é comum a um grupo. Elas são fenômenos cognitivos que permeiam a vivência social dos

indivíduos que são interiorizados nas práticas e nos modelos de pensamento e conduta, fixados socialmente e transmitidos pela comunicação social (JODELET, 1993).

As representações do mundo social são determinadas pelos interesses dos grupos que as idealizam e compreendem os mecanismos pelos quais um grupo impõe sua concepção, seus valores e domínios. O conceito de Representação Social vem do termo representação coletiva, desenvolvido por Émile Durkheim, sociólogo que enfatizou sobre as categorias básicas do pensamento terem origem na sociedade, que o conhecimento só poderia ser encontrado na experiência social. Assim, as representações coletivas eram entendidas como um conjunto de conhecimentos envolvendo crenças como, religião, mito, ciência, dentre outros (ALEXANDRE, 2004).

Durkheim propôs a formação de conceitos que são compartilhados com os membros do grupo, com origem na vida em coletividade. O sociólogo destacou que as representações coletivas não são reduzidas pela soma das representações dos indivíduos em sociedade, mas sim, a formação de um novo conhecimento que ultrapassa a soma dos indivíduos, favorecendo a recriação do coletivo (ALEXANDRE, 2004).

A análise da ideação coletiva de Durkheim foi renovada pelo psicólogo Serge Moscovici destacando as peculiaridades dos fenômenos representativos nas sociedades contemporâneas, caracterizadas pelas constantes trocas de comunicação, pelo desenvolvimento da mobilização social e da ciência (JODELET, 1993).

Moscovici, ao se referir à representação coletiva de Durkheim, diz que a mesma deve ser explicada no nível da psicologia social, engendrando objetos e instrumentos permitindo um conhecimento cumulativo, captando os verdadeiros aspectos da vida social, surgindo assim, a noção de Representação Social (GUARESCHI; JOVCHELOVITCH, 2003).

O surgimento da teoria de Moscovici parte de uma perspectiva sistemática e global que é implicado a uma relação entre processos que se erguem de uma dinâmica social e de uma dinâmica psíquica. Um sistema teórico complexo que considera de um lado o funcionamento cognitivo e o aparelho psíquico, e de outro, o funcionamento do sistema social que envolve a interação dos grupos, articulando elementos afetivos, mentais e sociais (JODELET, 1993).

As representações sociais são elaboradas a partir de dois processos, a objetivação e ancoragem. Na objetivação, dá-se a uma imagem um sentido materializado ao qual é reproduzido um conceito real de uma imagem que é conceitual, ou seja, é aquilo que dá sentido ao objeto que se apresenta. Através da objetivação, tudo que é abstrato passa ser objetivado, tornando-se real, concreto, o que era símbolo passa ser o signo. Nesse sentido, o processo de objetivação inclui os signos linguísticos ligados às estruturas materiais relacionando palavras e coisas, associando assim o símbolo ao objeto, não de forma representativa, mas como um objeto real. Objetivar então é quando se reabsorve excesso de significados, materializando-os e mantendo certa distância a seu respeito, permanecendo um nível de observação do que era apenas um símbolo (MOSCOVICI, 1978).

O segundo processo que está envolvido nos aspectos de significações denomina-se ancoragem, pelo qual a sociedade converte o objeto social em um instrumento em que ela poderá ter acesso, assim, este objeto será exaltado nas relações sociais existentes. Ancorar, portanto, é classificar e dar nome a algo, e as coisas que não são classificadas, sem nome algum, são estranhas, não existentes, sendo ameaçadoras (MOSCOVICI, 2007).

Articulando os dois processos, se por um lado a objetivação transforma as questões abstratas em algo naturalizado, ou seja, torna algo que não é familiar em algo essencialmente real firmado nos construtos coletivos, a ancoragem se insere nos conceitos e imagens materializados no processo de objetivação e os reproduz no meio social para fazer as coisas conhecidas a partir do que já se conhece (MOSCOVICI, 2007).

Moscovici enfatiza que as representações sociais são uma preparação para a ação do indivíduo que conduzirá o comportamento e restituirá os elementos do meio ambiente que o comportamento deve pertencer. Para ele o ser humano é um ser que pensa, busca respostas e compartilha realidades. Nesse aspecto, Moscovici instaura a concepção do social como uma coletividade racional que não pode ser entendida apenas por um conjunto de cérebros que processam informações e fazem julgamentos condicionados pelos fatores externos (MOSCOVICI, 1981 apud ALEXANDRE, 2004).

A representação social sempre representa a relação entre uma coisa (objeto) e alguém (sujeito) deste modo, a ligação entre a representação social e seu objeto dá-se sobre a forma de simbolização e significações, ou seja, as representações carregam a marca do sujeito e sua atividade, que remete ao caráter construtivo e expressivo do indivíduo (JODELET, 1993). Esta conexão não se constitui uma simples reprodução ou reflexo do mundo exterior, mas sim uma atividade de reconstrução da realidade e de organização significativa, da maneira que esta realidade seja natural aos olhos do sujeito. (COUTINHO; MENANDRO, 2009).

Portanto, as representações sociais interagem como sistemas de interpretação do objeto influenciando a relação do indivíduo com o mundo e com os grupos sociais, organizando e orientando a comunicação social, assim como intervindo em processos distintos que envolvem a difusão e assimilação dos conhecimentos, contribuindo no desenvolvimento das identidades pessoais, grupais e na transformação social do sujeito (JODELET, 1993).

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E O PAPEL DA MULHER ENQUANTO SER MÃE

Os aspectos das representações sociais relacionados com o papel da mulher na família foram construídos ao longo do tempo de acordo com o contexto social, econômico, político e cultural e vem ganhando forças, mantendo-se na contemporaneidade. As representações sociais da mulher como mãe e esposa, são produzidas e reproduzidas através das práticas sociais compartilhadas pela sociedade, firmando o papel social das mulheres e dando sentido para suas condutas (COUTINHO; MENANDRO, 2009).

No tocante ao “ser mulher” do ponto de vista social, observa-se uma configuração de deveres ao qual a mulher exerce uma função social materna, reduzida à força de seu sexo e permanecendo no espaço privado. Esta mulher era domesticada para que suas peculiaridades e desejos não destruíssem a ordem social e familiar uma vez que as representações culturais de maternidade e discursos sociais tendem a orientar as mulheres sobre como devem agir enquanto mãe. Desta forma, os construtos vinculados à maternidade, ao amor e cuidado passaram a ser valores como forma ideal (KEHL, 2008 apud BUAES; PATIAS, 2012).

Ainda hoje, as representações que associam mulher, maternidade e lar encontram-se no pensamento social e são muitas vezes reforçadas pelas próprias mulheres que ficam à mercê de uma configuração social imposta (COUTINHO; MENANDRO, 2009). No entanto, a contemporaneidade vem modificando as experiências que permeiam as vivências maternas,

tornando-se relevante pensar nas transformações e modos de subjetivação envolvendo a mesmas não somente por um viés de maternidade (BARBOSA et al., 2007; FONSECA, 2005 apud BUAES; PATIAS, 2012).

Assim, a mulher vivencia suas experiências de formas distintas, mesmo que se encontre em um mesmo contexto social.

O fato de existirem representações compartilhadas não significa que todas as pessoas apresentem exatamente a mesma representação de determinado objeto, ou seja, signifiquem esse objeto exatamente da mesma forma, com os mesmos elementos. Na verdade, o que existe é uma base comum compartilhada, ou melhor, elementos compartilhados, que são fortes, significativos e amparam a identidade grupal, enquanto há elementos que são particulares na medida em que são determinados pelas circunstâncias e pelo tipo de inserção no grupo, (COUTINHO; MENANDRO, 2009, p.64).

Desta maneira, diferentes significados são atribuídos às experiências femininas, de forma tal que o “ser mãe” na sociedade atual torna incertas e transitórias as identidades sociais, uma vez que a identidade é constituída por um processo de identificação subjetiva do indivíduo e pelos agenciamentos sociais, que mantêm valores e papéis sociais, mesmo na contemporaneidade (BUAES; PATIAS, 2012).

Neste sentido, a integração dos indivíduos em uma rede social e as funções que exercem, varia de acordo com o contexto social e cultural vigente, o desenvolvimento pessoal e familiar, bem como a própria rede, que se altera durante períodos de transformações (BRAZ; DESSEN, 2000).

Ao abordar as representações sociais no presente estudo, nota-se a importância de compreender as questões envolvendo os grupos sociais, articulando aspectos culturais e simbólicos que permeiam o cotidiano do sujeito, bem como a vivencia do mesmo frente aos construtos sociais. Assim, buscaram-se novas informações que dessem condições de mapear resultados que têm sido produzidos neste campo, para melhor compreensão da produção científica sobre a relação entre a representação social da mulher enquanto mãe e a melancolia pós-parto no puerpério.

Neste aspecto, analisar a teoria das representações sociais e sua relação com a maternidade torna-se relevante, pois, proporciona trabalhar a representação da figura materna na sociedade, assim como discutir as singularidades que norteiam este processo, visto que as crenças sobre a mulher e o ser mãe esbarram em um jogo simbólico e estereotipado, que molda o ser mulher do ponto de vista social.

No contexto psicológico e científico, este trabalho abrange a importância de analisar a rede de relações sociais que abarcam a maternidade, ou seja, o cenário social em que a mulher está inserida, e como esse modo de viver, pensar e agir manifesta-se diante dessas construções sociais vigentes. Assim, busca-se problematizar questões para que se possa repensar a maternidade como uma etapa de escolha da mulher.

O objetivo geral deste estudo foi identificar possíveis relações entre representação social de maternidade para as mulheres e a melancolia pós-parto do puerpério. De modo que, para tal investigação, mapeou-se a produção científica relacionada aos contextos da representação social da mulher enquanto mãe e da melancolia pós-parto; analisaram-se possíveis relações entre as representações sociais da maternidade e o papel da mulher enquanto mãe na

atualidade; e discutiu-se a possível relação entre as representações sociais que permeiam a maternidade e a melancolia pós-parto.

METODOLOGIA DE PESQUISA

TIPO DE PESQUISA

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica de cunho exploratória e abordagem qualitativa, desenvolvida através de revisão de literatura em materiais científicos já elaborados e publicados, constituído de artigos em indexador digital.

A pesquisa exploratória tem como objetivo familiarizar-se com o problema, visando torná-lo mais explícito ou construir hipóteses, além de apresentar descobertas das intuições e aprimoramento de ideias. Uma pesquisa bibliográfica é desenvolvida através de materiais já elaborados, possibilitando a análise de diversas posições acerca de um determinado problema (GIL, 2002).

Para investigar o problema de pesquisa proposto, obtiveram-se dados qualitativos, levantando questionamentos a respeito do que a produção científica tem descoberto sobre a relação entre a representação social da mulher enquanto mãe e a melancolia pós-parto no puerpério, utilizando-se como referência os estudos de, Assunção et al. (2012); Brasil (2007); Buaes e Patias (2012); Coutinho e Menandro (2015); Coutinho e Saraiva (2007); Coutinho e Saraiva (2008); Enumo e Trindade (2002); Evangelista et al. (2012); Piccinine et al. (2011); Vargas (2012).

COLETA DE DADOS

O levantamento de dados resultou de revisão de literatura publicada no período entre 2002 e 2015, extraídos de bibliotecas eletrônicas, tendo como base principal de dados a plataforma BVS-Psi, porém foram extraídos artigos das páginas Pepsic, Scielo e Index-Psi. Por estratégia de busca para o refinamento da pesquisa, utilizou-se como critérios de inclusão combinações das palavras-chave, “representações sociais”, “representação social”, “depressão pós-parto”, “maternidade”, “puerpério”, “mulher”, “melancolia”, e como critério de exclusão estudos duplicados e artigos que possuíam as palavras-chave utilizadas nos critérios de inclusão, porém não estavam relacionados com problema proposto.

ANÁLISE DOS DADOS

Para análise dos dados, utilizou-se da análise de conteúdo proposta por Laurence Bardin. A análise do conteúdo é um conjunto de instrumentos de cunho metodológico, que se aplicam a conteúdos diversificados, e tem por finalidade utilizar de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens (BARDIN, 2011).

Nesta pesquisa, seguiram-se as etapas da técnica de organização de análise descrita por Bardin (2011), o qual as organiza em três fases: 1) pré-análise, 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

Por pré-análise, compreende-se a fase de organização do material a ser analisado com o objetivo de sistematizar as ideias iniciais, organizando assim um esquema para o plano de análise. A exploração do material constitui a segunda fase, no qual é feito um estudo mais aprofundado do material coletado. A terceira fase consiste no tratamento dos resultados coletados, interpretando os resultados analisados de forma que seja significativo e válido para o estudo em questão (BARDIN, 2011).

RESULTADOS

Nas buscas realizadas utilizando-se combinações das palavras-chave, foram identificados 314 artigos possivelmente relevantes, conforme pode ser visto na tabela 1:

Tabela 1: Quantidade de artigos identificados com as combinações de palavras-chave.

Palavras-Chave	Index Psi	Pepsic	SciELO
RS/ Maternidade	13	4	8
RS/ Maternidade/ Puerpério	1	2	1
RS/ mulher	28	5	36
RS/ puerpério	3	3	4
RS/ maternidade/ depressão pós-parto	2	1	1
RS/ depressão pós-parto	4	2	2
RS/ depressão pós-parto	3	3	2
RS/ maternidade/ depressão pós-parto	1	2	1
RS/ puerpério	3	4	6
RS/ mulher	25	10	89
RS/ maternidade/ puerpério	1	2	2
RS/ maternidade	10	5	24

Por meio do critério de exclusão, os resumos dos artigos foram revisados possibilitando excluir 296 estudos por não corresponderem ao proposto deste estudo. Dos 18 artigos restantes, foi realizada uma avaliação detalhada dos mesmos, dos quais 10 estavam relacionados com o objetivo deste estudo e foram efetivamente aproveitados na análise, todos norteados pela teoria das representações sociais, os quais são descritos na tabela 2.

Tabela 2: Relação dos artigos utilizados para análise dos dados.

TÍTULO	AUTOR	ANO
A estrutura das representações sociais de mães puérperas acerca da depressão pós-parto.	Evelyn Rúbia de Albuquerque Saraiva; Maria da Penha de Lima Coutinho	2007
"Barrigão à mostra": vicissitudes e valorização do corpo reprodutivo na construção das imagens da gravidez.	Eliane Portes Vargas	2012
Forjando-se imaginariamente mulher: um estudo sobre as representações de gênero das jovens no grupo de mulheres do Benguí.	Roberta Gilet Brasil	2007
O sofrimento psíquico no puerpério: um estudo psicossociológico.	Evelyn Rúbia de Albuquerque Saraiva; Maria da Penha de Lima Coutinho	2008
Pós-Graduação, formação profissional e postergação da constituição da família própria: um estudo com estudantes de mestrado e doutorado.	Lara de Sá Leal; Mariane Ranzani Ciscon-Evangelista; Naara Knupp de Oliveira; Paulo Rogério Meira Menandro	2012
Representação social, ansiedade e depressão em adolescentes puérperas.	Camila Feitosa D'Assunção; Maria Arleide Silva; Leopoldo Nelson Fernandes Barbosa; Patrícia Cristina Wanderley Guedes; Thyeri Bione Marques	2012
Representações acerca da maternidade no contexto da depressão pós-parto.	Cesar Augusto Piccinini; Daniela Delias de Sousa; Luiz Carlos Pradob	2011
Representações sociais do ser mulher no contexto familiar: um estudo intergeracional.	Sabrine Mantuan dos Santos Coutinho; Paulo Rogério Meira Menandro	2015
"Tem que ser uma escolha da mulher"! representações de maternidade em mulheres não-mães por opção.	Caroline Stumpf Buaes; Naiana Dapieve Patias;	2012
Triste e incompleta: uma visão feminina da mulher infértil.	Sônia Regina Fiorim Enumo; Zeidi Araujo Trindade	2002

Os 10 artigos foram publicados no período de 2002 a 2015, sendo nove relatos de pesquisas e um trabalho teórico. Entre as pesquisas, todas qualitativas, o grupo de participantes mais evidente é o de mulheres de classe média com sintomatologia depressiva e faixa etária variável entre 14 e 74 anos, sendo que em 4 dos artigos a coleta de dados foi realizada em contexto hospitalar onde mães ou bebês realizavam acompanhamento médico, e os demais sendo feitos em um determinado projeto social, escolhas aleatórias em redes sociais, bairros de uma determinada região e universitários de uma universidade federal.

Com relação às representações sociais e depressão pós-parto, os estudos encontraram resultados como: 1) as representações de "ser mãe" e "ter filhos" estão associadas a sentimentos de alegria e prazer e, simultaneamente, ao sofrimento psíquico, ligado ao sentimento de tristeza, ancorando as representações sociais (COUTINHO; SARAIVA, 2007);

2) o nível socioeconômico, grau de escolaridade, faixa etária e estado civil, são alguns dos fatores que podem influenciar o nível de ansiedade e depressão entre as mães adolescentes, gerando sentimentos ambivalentes advindos deste novo status representacional (ASSUMÇÃO et al., 2012); 3) relatos associados ao sentimento de não ser capaz de cuidar do filho, vinculadas as preocupações com o bebê, com o apoio de seus familiares e com a necessidade de conciliar antigos e novos papéis (PICCININE et al. 2011); 4) a vivência materna aparece ligada às experiências e lembranças sociais, reveladas por meio de objetivações naturalizadas na composição histórica encontradas nas falas de puérperas depressivas (COUTINHO; SARAIVA, 2008).

No que tange as representações sociais e a maternidade idealizada encontram-se: 5) resultados acerca da representação e a maternidade tida como sacralizada, no sentido de um evento relacionado a construção social imposta a mulher como uma obrigação (VARGAS, 2012); 6) o ser mulher aparece como condição existencial demarcada tanto pelo órgão genital e processos biológicos, quanto por processos sociais, nas quais as jovens reproduzem discursos sociais adquiridos em sua trajetória de vida, ligados diretamente a valores patriarcais (BRASIL, 2007); 7) coexistência da construção social de maternidade pautada na idealização e hierarquização das funções sociais de homens e mulheres (EVANGELISTA et al., 2012); 8) na geração mais jovem, as falas são marcadas por ambiguidade quanto à questão dos papéis femininos na família, revelando que ainda está em processo a superação das diferenças de gênero consolidadas pela tradição (COUTINHO; MENANDRO, 2015).

Sobre as representações da imagem da mulher que não se encaixam no modelo idealizado de maternidade, encontram-se 9) resultados indicando que as representações do que é ser mãe estão implicadas em vários discursos e práticas culturais, que produzem determinados modos e modelos de ser e de se comportar, de modo que mulheres que optam por não viver a maternidade, constituem suas identidades a partir da negação de representações culturais dominantes (BUAES; PATIAS, 2012); 10) as mulheres inférteis, ocupam uma condição estigmatizante frente à maternidade idealizada, trazendo em seus relatos a expressão “triste e incompleta” por se sentirem impedidas de viver o que os dados apontam como a realização feminina, e a glória da maternidade, além disso, sentem-se pressionadas, solitárias, frustradas e inferiores (ENUMO; TRINDADE, 2002).

Torna-se importante, então, refletir a respeito dos estudos sobre as representações sociais de maternidade, bem como os papéis que são atribuídos à mulher no que se refere aos construtos sociais que são outorgados ao ser mulher-mãe. Posto que, as representações perpassam a subjetividade do indivíduo, mesmo que essas representações impostas provoquem consequências negativas para ele.

DISCUSSÃO

A partir dos resultados encontrados, pode-se dizer que as representações sociais de mulher entendida como mãe foram encontradas em todos os artigos. Essas representações aparecem vinculadas às sintomatologias de depressão pós-parto e/ou ansiedade, sendo notório que os sintomas estão associados não apenas às modificações biológicas, mas também aos efeitos sociais e ambientais, bem como edificadas sobre a subjetividade mediada pelas vivências e lembranças da mulher-mãe.

A experiência materna aparece edificada sobre os construtos sociais de “ser mãe” e de “maternidade idealizada” que exercem influência sobre as alterações que acometem as mulheres no período de vulnerabilidade da maternidade. Além disso, as representações aparecem associadas à maternidade construída socialmente, vinculadas à hierarquização de gêneros e valores patriarcais.

Os resultados exprimem o que Moscovici (1978) aponta como os mecanismos de constituição das representações sociais, *objetivação* e *ancoragem*, que possibilitam ao indivíduo adotar o que inicialmente é da ordem do desconhecido e significá-lo, tornando-o familiar. Por objetivação, entende-se o processo de transformação do abstrato para o concreto, por meio do qual os objetos são cristalizados fazendo parte da realidade do sujeito e, por ancoragem, o indivíduo tende a assimilar estas ideias construídas socialmente, e por um registro simbólico passa a representá-los e reproduzi-los, como algo natural.

Na constituição da identidade feminina surge também a questão da infertilidade e da opção por não ser mãe, ambas excluídas por não se encaixarem na maternidade idealizada socialmente, que vincula o “ser mulher” ao “ser mãe”. A mulher que não pode viver o que é reproduzido socialmente como o momento de realização feminina, vivencia sentimentos de incapacidade frente às patologizações que emergem na categorização da infertilidade como um problema (ENUMO; TRINDADE, 2002).

Em apenas um dos artigos analisados, de Buaes e Patias (2012), foi possível localizar resultados relacionados à posição contrária de mulheres com relação às representações sociais dominantes, posto que neste estudo, identificou-se que as mulheres estudadas não pretendiam vivenciar a maternidade, tomando-a não como algo natural, mas como imposições sociais.

A ideia de que a maternidade é condição para que a mulher sinta-se completa e realizada faz parte de uma construção, naturalizada sob a ótica do valor social, uma vez que a impossibilidade ou o não desejo de vivenciar a maternidade implica na depreciação da mulher que contraria as expectativas socialmente impostas. A concepção de mãe ideal ainda está impregnada na sociedade, pautada na crença de que o desejo pela maternidade vai necessariamente atingir a todas as mulheres em algum momento de sua vida (BUAES; PATIAS, 2012).

A não vivência da maternidade esbarra na construção social que sustenta o papel da mulher como mãe, assim, a mulher que se posiciona em outro lugar que não o da família tradicional nuclear, caracteriza uma recusa da identidade feminina, que necessariamente está ligada a vivência materna (BUAES; PATIAS, 2012). Dessa forma, as representações sociais ainda permeiam a maneira como os indivíduos se comportam no meio social.

A partir do exposto, observa-se na relação entre as questões envolvendo o papel da mulher e a maternidade no contexto social e familiar que, mesmo com algumas mudanças, como a maior inserção ao meio social conquistada pelas mulheres na contemporaneidade, as questões de diferenças de gênero e a forte tradição do papel ideal feminino na família ainda tornam-se presentes.

As representações sociais são entidades quase tangíveis, que circulam e cruzam-se de forma cristalizada, através da fala, dos gestos, dos encontros em nosso cotidiano (MOSCOVICI, 1978). Em torno das questões que se referem à mulher-mãe essa base comum é ainda compartilhada, e possui fortes significados, a qual permanece amparando a identidade grupal,

e por esse motivo, mesmo com tantas mudanças ao longo do tempo, o papel imposto ao ideal feminino ainda existe (BUAES; PATIAS, 2012).

Os indivíduos são atravessados pelas representações sociais e através das relações humanas circulam continuamente no meio social. Neste meio, os conhecimentos científicos ganham significações próprias que são internalizadas e compartilhadas, tornando-se comuns ao conjunto grupal. Moscovici (1978) reitera a ideia de que a partir das relações sociais a ciência tornou-se elemento da própria cultura, uma vez que ela se constitui e se reconstitui sustentando as práticas grupais.

Os resultados do estudo esboçam o encadeamento das práticas sociais que perpassam os indivíduos e a constituição dos papéis sociais, que ganham força e se mantêm durante gerações, assim como a constituição do papel da mulher na sociedade, na qual as representações vêm reforçando o amor materno incondicional e idealizado.

As transformações históricas e sociais do sentimento de amor materno são tidas nas gerações como um amor instintivo inerente à mulher, colocando em destaque o envolvimento afetivo existente entre mãe e filho e o conjunto de valores morais idealizados socialmente, que acabam por constituir a identidade feminina ideal. Assim, torna-se importante repensar o lugar ocupado pelas mulheres na sociedade, na busca de desnaturalizar esse caráter instintivo, a qual optar por não viver essa idealização é um direito da mesma (BADINTER, 1985).

As representações sociais que constituem as questões da maternidade interferem na interpretação e na integração do domínio simbólico e social que atravessa as relações da mulher-mãe em suas relações do meio social, demarcando os comportamentos e as ações deste grupo (COUTINHO; SARAIVA, 2007). Assim, a experiência materna tem suas elaborações de atitudes, valores e sentimentos permeados pelo compartilhamento dos elementos que são produzidos e reproduzidos socialmente no contexto social no qual o indivíduo está inserido.

Compreende-se portanto que, as representações sociais de mulher enquanto mãe ideal identificadas nos estudos estão cristalizadas, demonstrando que com o passar das gerações até os dias atuais a função de ser mãe ainda está impregnada por um conjunto de idealizações, ou seja, influencia fortemente o papel da mulher na sociedade, envolvendo valores construídos historicamente.

Não foram encontrados nos estudos analisados possíveis relações da representação social com a melancolia pós-parto, objetivo deste trabalho, pois nos artigos as sintomatologias, de um modo geral, são classificadas como pertencentes à depressão pós-parto. Entretanto, ao analisarem-se as descrições dos sintomas e/ou sentimentos que aparecem nos resultados de Coutinho e Saraiva (2007), Assunção et al. (2012), Piccinine et al. (2011) e Coutinho e Saraiva (2008), estes descrevem os mesmos sintomas da melancolia pós-parto, como a alteração hormonal, labilidade emocional, sentimento de incapacidade, alterações de humor, dentre outros. Assim, para além da descrição dos sintomas, é válido pontuar como diferença entre as manifestações da depressão pós-parto e melancolia pós-parto, o tempo de duração e o grau de intensidade dos sintomas.

Com relação ao tempo de duração e intensidade, a depressão pós-parto configura-se em um quadro clínico severo e agudo, que pode persistir até dois anos, requer acompanhamento psicológico e psiquiátrico, podendo ser prescrito o uso de medicação, pois ao atingir seu

extremo devido à gravidade e profundidade dos sintomas, pode gerar pensamentos suicidas bem como homicidas em relação a sua vida e a do bebê (IACONELLI, 2005).

A melancolia pós-parto, por sua vez, é um quadro mais brando e benigno, que dura aproximadamente três semanas, acarretado por um estado de humor depressivo, decorrente da nova tarefa de elaboração psíquica de transformação do papel social desta mulher-mãe. Durante esse período, no qual a mulher ainda não sente segurança no novo status, seu corpo está em processo de transformação, e há um bebê que demanda uma entrega física e emocional, sendo que conforme estas questões são elaboradas este quadro tende a sessar (IACONELLI, 2005).

Embora as principais diferenças sintomatológicas entre a depressão pós-parto e a melancolia pós-parto estejam na intensidade e no tempo de duração dos sintomas, é importante considerar a existência de outras características peculiares de ambas. Iaconelli (2005) salienta que diferentemente da depressão pós-parto, a melancolia pós-parto não apresenta um quadro patológico, ou seja, é transitória e não prejudicial, surgindo apenas no período do puerpério regredindo em poucos dias, e na depressão pós-parto há de se considerar fatores de risco que antecedem a doença, bem como a ocorrência de episódios anteriores.

A sensibilidade que emerge na melancolia pós-parto e as manifestações da depressão pós-parto são constantemente confundidas. Entretanto, embora as manifestações da melancolia pós-parto tendam a ser ignoradas ou minimizadas, considerá-las para além de uma simples alteração hormonal é de extrema importância, pois há questões para serem elaboradas que podem evocar os sentimentos de tristeza, demandando assim maior cuidado, podendo até mesmo agravar os sintomas (FOLINO, 2014).

Assim, considerar estes fatores é significativo, pois ao classificar todos os sintomas em uma única categoria, que é a depressão, a tendência é excluir os sintomas mais brandos característicos da melancolia pós-parto, uma vez que se não há a atenção devida os sintomas podem evoluir para depressão pós-parto.

Cabe pensar, então, se a diferença entre o encontrado não está mais na nomenclatura médico-psiquiátrica dos termos que exatamente nas vivências psicoemocionais das mulheres entrevistadas. Por esse motivo, pensando pela nomenclatura, o objetivo desse estudo, que abarca a relação entre a representação social, o papel da mulher e a maternidade vinculada à melancolia pós-parto, não foi atingido pela ausência de artigos sobre esse tema.

De outra forma, pergunta-se se essa diferenciação entre melancolia pós-parto e depressão pós-parto não seria específica demais para a área dos pesquisadores, que utilizam o termo genérico “depressão”, ou seja, se os pesquisadores entendem todos esses fenômenos como depressão pós-parto ao invés de ter outras categorias. Nesse sentido, pensando nas sintomatologias, alcança-se o objetivo do estudo, pois identifica-se que as representações sociais estão diretamente relacionadas com os sintomas emergentes no período de vulnerabilidade da maternidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A maternidade é vivenciada como uma nova fase na vida da mulher, pois envolve mudanças e adaptações no seu papel social. Nesse sentido, este estudo apresentou relevância acerca

do conhecimento sobre como as representações sociais perpassam as vivências da maternidade e influenciam a constituição do ser mulher-mãe.

Entre os artigos selecionados em termos de nomenclatura não foram encontrados indícios que sustentassem uma possível relação entre a representação social de maternidade para as mulheres e a melancolia pós-parto. No entanto, considerando as sintomatologias descritas nos estudos analisados, relacionadas à depressão pós-parto, mas componentes também da melancolia pós-parto, foi possível observar relação entre as representações sociais vinculadas à maternidade e à mulher-mãe.

Entende-se através do estudo que apesar dos sintomas semelhantes há uma diferença com relação à intensidade dos sintomas ligados à melancolia e à depressão pós-parto, no qual, a depressão é uma doença mais aguda, enquanto a melancolia é um estado de humor mais brando, no entanto ambas geram sofrimento para a mulher que vivenciam. É importante não ignorar os sintomas que emergem durante o período de melancolia pós-parto, pois podem propiciar o fato das pessoas entenderem o humor depressivo desta mulher como uma frescura ou uma fraqueza, devido ao fato de ser mais brando quando comparado a depressão.

Identifica-se também que mesmo com algumas conquistas da mulher em relação à ampliação de sua participação no meio familiar e social, o papel da mulher enquanto mãe ideal ainda está impregnado por representações sociais antigas, além de ser um tema que molda a identidade da mulher construída socialmente, identidade essa que surgiu ao longo da construção histórica de cada época, se mantendo firme até os dias atuais.

Foram encontradas dificuldades para achar maior quantidade de artigos que mencionavam o objetivo proposto, que abarca, a possível relação entre a representação social de maternidade para as mulheres e a melancolia pós-parto, devido à generalização da nomenclatura envolvendo a melancolia pós-parto e a depressão pós-parto, na qual também pode estar associada com a dificuldade de identificação e diagnóstico do problema. Além disso, por este ser um estudo bibliográfico, não foi possível investigar a relação entre representações sociais da maternidade e melancolia pós-parto diretamente com as pessoas envolvidas.

Ainda há pontos a serem explorados, sugere-se então, a realização de novos estudos com caráter aprofundado e detalhado, objetivando melhor caracterizar a melancolia pós-parto e suas manifestações, uma vez que quando não elaborada a mesma pode acarretar para o grau mais agudo que é a depressão pós-parto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, D. T. **Quando ser Mãe dói**: história de vida e sofrimento psíquico no puerpério. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2011. Disponível em: <<http://www.uece.br/cmaccis/dmdocuments/Denise%20Tomaz.pdf>>. Acesso em: 13 Abr. 2016.

ALEXANDRE, M. **Representação social**: uma genealogia do conceito. Rio de Janeiro, v.10 - nº 23 - p. 122 a 138 - julho / dezembro 2004. Disponível em: <<http://www.sinpro-rio.org.br/imagens/espaco-do-professor/sala-de-aula/marcos-alexandre/Artigo7.pdf>>. Acesso em: 27 Ago. 2016.

AMORIM, S. P. T. **Tristeza pós - parto – importância do diagnóstico precoce.** Monografia (Licenciada em Enfermagem) – Universidade Fernando Pessoa, Ponte Lima, 2010. Disponível em: <http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/1574/1/MONO_17381.pdf>. Acesso em 13 Abr.2016.

1 ARRAIS, A. da R; AZEVEDO, K. R. O mito da mãe exclusiva e seu impacto na depressão pós-parto. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 269-276, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722006000200013>. Acesso em 20 Abr. 2016.

ASSUMÇÃO, C. F. D.; GUEDES, P. C. W.; MARQUES, T. B. et al. Representação social, ansiedade e depressão em adolescentes puérperas. **Revista da SBPH**, Rio de Janeiro, v. 15 n. 1, 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582012000100011>. Acesso em: 8 Set. 2016.

BADINTER, E. **Um amor conquistado: O mito do amor materno.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. Disponível em: <[http://www.redeblh.fiocruz.br/media/livrodigital%20\(pdf\)%20\(rev\).pdf](http://www.redeblh.fiocruz.br/media/livrodigital%20(pdf)%20(rev).pdf)>. Acesso em: 13 de Abr. 2016.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** 1. Ed. São Paulo: Edições 70, 2011.

BERETTA, M. I. R., et al. Tristeza/depressão na mulher: uma abordagem no período gestacional e/ou puerperal. **Rev. Eletr. Enf. [Internet]**. Goiânia, v. 10, n. 4, p. 966-78, 2008. Disponível em: <<http://www.fen.ufg.br/revista/v10/n4/v10n4a09.htm>>. Acesso em: 13 Abr. 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Área Técnica de Saúde da Mulher. **Pré-natal e Puerpério: atenção qualificada e humanizada - manual técnico.** Brasília, 2006. Nescon Biblioteca Virtual. Disponível em: < <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/1926.pdf>>. Acesso em: 13 abr. 2016.

BRASIL, R. G. **Forjando-se imaginariamente mulher: um estudo sobre as representações de gênero das jovens no grupo de mulheres do Benguí.** Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro de filosofia e ciências humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2007. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufpa.br:8080/jspui/handle/2011/1898>>. Acesso em: 8 Set. 2016.

BRAZ, M. P.; DESSEN, M. A. Rede social de apoio durante transições familiares decorrentes do nascimento de filhos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 16, n. 3, p. 221-231, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v16n3/4809.pdf>>. Acessado em: 26 Ago. 2016

BUAES, C. F.; PATIAS, N. D. “Tem que ser uma escolha da mulher”! Representações de maternidade em mulheres não-mãe por opção. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 300-306, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822012000200007>. Acesso em: 10 jun. 2016.

COUTINHO, M. P. L.; SARAIVA, E. R. A. O sofrimento psíquico no puerpério: um estudo psicossociológico. **Revista Mal Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 8, n. 2, p. 505-527,

2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482008000200011>. Acesso em: 26 Ago. 2016.

COUTINHO, M. P. L.; SARAIVA, E. R. A. A estrutura das representações sociais de mães puérperas acerca da depressão pós-parto. **Psicologia-USF**, João Pessoa, v. 12, n. 2, p. 319-326, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pusf/v12n2/v12n2a20.pdf>>. Acesso em: 8 Set. 2016.

COUTINHO, S.; MENANDRO, P. **A dona de tudo**: um estudo intergeracional sobre representações sociais de mãe e esposa. Vitória: Gm gráfica e editora, 2009.

COUTINHO, S. M. S.; MENANDRO, P. R. M. Representações sociais do ser mulher no contexto familiar: um estudo intergeracional. **Psicologia e Saber Social**, v. 4, n. 1, p. 52-71, 2015. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/psi-sabersocial/article/view/13538/12962>>. Acesso em: 8 Set. 2016.

ENUMO, S. R. F.; TRINDADE, Z. A. Triste e incompleta: uma visão feminina da mulher infértil. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 13 n. 2, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642002000200010>. Acesso em: 8 Set. 2016.

EVANGELISTA, M. R. C.; et al. Pós-Graduação, formação profissional e postergação da constituição de família própria: um estudo com estudantes de mestrado e doutorado. **Psicologia e Saber Social**, Espírito Santo, v. 1, n. 2, p. 265-277, 2012. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/psi-sabersocial/article/view/4908>>. Acesso em: 8 Set. 2016.

FOLINO, C. S. G. **Sobre dores e amores**: Caminhos da tristeza materna na elaboração psíquica da parentalidade. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-02102014-161452/pt-br.php>>. Acesso em: 10 Jun. 2016.

GIL, A., C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em: <https://professores.faccat.br/moodle/pluginfile.php/13410/mod_resource/content/1/como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf>. Acesso em: 10 Jun. 2016.

GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. **Textos em representações sociais**. 8. Ed. Rio de Janeiro: Petrópolis, 2003.

IACONELLI, V. Depressão pós-parto, psicose pós-parto e tristeza materna. *Revista Pediatria Moderna* [on-line]. V. 41, n. 4, São Paulo: Moreira Jr Editora, 2005, agosto 2005. Disponível em: <http://www.moreirajr.com.br/revistas.asp?fase=r003&id_materia=3063>. Acesso em: 21 Out. 2016.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. **Docplayer**, 1993. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/36945-Representacoes-sociais-um-dominio-em-expansao-denise-jodelet.html>>. Acesso em: 27 Ago. 2016.

MACHADO, B., et al. As gestantes e os sentimentos vivenciados durante a gravidez. **Docplayer**, 2012. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/20490794-As-gestantes-e-os-sentimentos-vivenciados-durante-a-gravidez.html>>. Acesso em: 13 abr. 2016.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar. 1978.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Rio de Janeiro: Petrópolis, 2007. 71 P. (Vozes). Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/6458778/moscovici-serge-representacoes-sociais-investigacoes-em-psicologia-social-traduc>. Acesso em: 12 out. 2016.

PICCININE, C. A.; et al. Representações acerca da maternidade no contexto da depressão pós-parto. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 335-343, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722011000200015>. Acesso em: 8 Set. 2016.

STASEVSKAS, K. O. **Ser mãe**: narrativas de hoje. Dissertação (Mestrado em Saúde Materno-Infantil) – Faculdade de Saúde pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/6/6136/tde-16032005-141212/pt-br.php>>. Acesso em: 28 Abr. 2016.

VARGAS, E. P. 'Barrigão à mostra': vicissitudes e valorização do corpo reprodutivo na construção das imagens da gravidez. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 237-258, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v19n1/13.pdf>>. Acesso em: 8 Set. 2016